





Como se tornar arqueólogo no Brasil (1)

[Pedro Paulo A. Funari](#)

1. Introdução

 Versão para impressão Enviar por e-mail Avaliar o texto Ver o ranking

Para que se possa tratar da formação do arqueólogo, é necessário, antes, definir a identidade do arqueólogo. Em um contexto mais amplo, pode afirmar-se que o estudo da Arqueologia varia muito, em diferentes tradições universitárias. Nos Estados Unidos, a maioria dos arqueólogos é constituída de antropólogos, já que a Antropologia, normalmente, ali incorpora áreas como a Linguística e a Arqueologia. Isto significa uma formação básica em Antropologia, voltada para o estudo do outro, os antropólogos estudando os índios vivos e os arqueólogos os mortos. Nos próprios Estados Unidos, contudo, há também arqueólogos com outras formações, como é o caso dos arqueólogos clássicos, que estudam as civilizações grega e romana, cujo estudo liga-se às letras clássicas, à História e à História da Arte, em medidas variadas, segundo a tradição de cada instituição. Há, ainda, os arqueólogos oriundos da orientalista (egiptólogos, assiriólogos), dos estudos bíblicos (a chamada “Arqueologia Bíblica”) ou das mais variadas disciplinas, como a Biologia ou a Geologia (cf. TAYLOR, 1948, p.11). A outra grande vertente produtora de arqueólogos, a escola européia, é ainda mais multifacetada. Em termos gerais, os arqueólogos europeus, pré-historiadores, classicistas ou medievalistas formam-se na tradição histórico-filológica de origem alemã. Em alguns centros, a Arqueologia é parte da História da Arte, em outras relaciona-se à História ou às línguas, raramente fazem parte da Antropologia. Os britânicos foram os que levaram mais adiante a independência epistemológica da disciplina, criando diversos cursos de graduação em Arqueologia, exceção tanto mais notável quanto, tanto na Europa como nos Estados Unidos, costuma-se reservar-se à formação em Arqueologia o caráter de uma especialização, após uma educação universitária mais genérica.

A formação do arqueólogo no Brasil insere-se, pois, no contexto mais amplo esboçado. Não há uma única tradição acadêmica universal e tampouco, no Brasil, haveria que buscar uma unidade que alhures inexistente. Não se pode, entretanto, fazer um balanço da formação do arqueólogo no país sem analisar, ainda que brevemente, a História da disciplina em nosso meio e o ambiente acadêmico no qual ela se desenvolve (FUNARI, 1997). A Arqueologia acadêmica brasileira é recentíssima, o número de arqueólogos profissionais reduzidíssimo e os centros de formação pouco numerosos. Além de descrever as vicissitudes da formação de arqueólogos no Brasil, hoje, pretende-se contribuir para a discussão do seu aprimoramento, visando inserir a Arqueologia brasileira no âmbito mais amplo da Arqueologia mundial.

Notas

(1) Texto publicado na Revista USP, 44, 74-85, 2000; e Tornar-se arqueólogo no Brasil, Trabalhos de Antropologia e Etnologia, Porto, Portugal, 40, 3-4, 2000, 117-131.



Como se tornar arqueólogo no Brasil

[Pedro Paulo A. Funari](#)

2. A Arqueologia no quadro da academia brasileira

_____ A sociedade brasileira, patriarcal, dominada por uma estrutura social hierárquica secular, produziu muito tardiamente a universidade, séculos depois das primeiras congêneres hispano-americanas. A universidade brasileira, desenvolvendo-se a partir da década de 1930, viria a ter algumas características estruturais, derivadas do próprio caráter restritivo à liberdade intelectual da sociedade nacional, ainda presentes entre nós. Florestan Fernandes, um dos nossos primeiros acadêmicos, advertia, antes do golpe militar de 1964, que “o intelectual se torna, literalmente, um escravo do poder. Se ele tentar o contrário, corre o risco de sofrer pressões muito violentas e de ser eliminado da arena intelectual” (FERNANDES, 1975, p.85). Segundo outro decano da ciência nacional, Milton Santos, “buscar o novo é perigoso”, resultado da falta de valorização do mérito intelectual propriamente dito: “Eu acho que o meio intelectual no Brasil é, até certo ponto, opaco, no sentido de que a vida acadêmica não se caracteriza pela existência de um mercado acadêmico. As pessoas nascem, crescem, evoluem e morrem no mesmo universo. Então, a idéia de competição se compromete e o sistema de referências é igualmente doméstico. É muito autocentrado e funciona, com freqüência, em detrimento de uma emulação mais ampla” (SANTOS, 1998, p.6).

_____ O compadrio, generalizado, chega aos editoriais dos jornais (FOLHA DE SÃO PAULO, 1997a), levando a que as pesquisas confirmem o discurso do poder, tanto das autoridades políticas como acadêmicas, perpetuando, de forma crítica, aquilo que Pierre Bourdieu (1988, p.777) chama de senso comum acadêmico. Predomina um sistema universitário dominado por um mandarinato autocrático e medíocre, a busca desenfreada pelo micropoder dos cargos por parte daqueles que nada sabem, como se expressava Theo Santiago (1990). A palavra corporação aparece em quase todas as análises críticas da academia brasileira (e.g. COMPARATO, 1993; MICELI, 1995, p.3) e criam-se neologismos para descrever essa realidade: “os buroprofessores, quer dizer, aqueles indivíduos que, sai um, entra outro, mas é o mesmo grupo, que são pessoas inúteis porque esses pró-reitores, quase todos, são pessoas inúteis, um estorvo à produção intelectual” (SANTOS 1999a, p.25). A dissociação entre progressão na carreira e a competência, que inclui titulação, mas não se limita a ela (GOLDEMBERG, 1992), compõe um quadro pouco alentador de uma época “hostil à crítica e ao dissenso” (BARROS E SILVA, 1997). Neste contexto, quando mais da metade das bolsas concedidas pelo CNPq não resultam em defesas de tese, não há surpresa (FOLHA DE SÃO PAULO, 1997b).

_____ A academia brasileira padece, portanto, de deficiências estruturais, de origem histórica clara. Um sistema universitário surgido no seio de uma sociedade tão hierarquizadora e infensa à liberdade de oportunidades não poderia deixar de refletir essas características dominantes (FUNARI, 1997a, com literatura). Durante o período de jugo militar, em particular, os aspectos mais deletérios de uma academia servil ao poder produziram resultados que ainda nos atormentam. O compadrio, associado a um poder discricionário, pôde levar o controle discursivo ao paroxismo, instituindo, em algumas áreas, uma limitação severa ao desenvolvimento da ciência. Com a abertura e, em especial, com o restabelecimento dos civis ao poder, a liberdade acadêmica rediviva logo começou a produzir reflexões críticas e menos acomodadas (BATISTA, 1997).

Versão para impressão

Enviar por e-mail

Avaliar o texto

Ver o ranking

Este pano de fundo permite, agora, refletir sobre o desenvolvimento da Arqueologia, em nosso meio. A Arqueologia pré-acadêmica tem longa trajetória no Brasil, desde seus primórdios no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no século XIX. Contudo, apenas no pós-Segunda Guerra ensaia-se o início da Arqueologia acadêmica, graças às iniciativas de Paulo Duarte, fundador da Universidade de São Paulo, político, intelectual e humanista, sob cuja égide surge a Comissão de Pré-História que se transformaria no Instituto de Pré-História, à imitação do IPH de Paris. Assim, ab initio, a Arqueologia começa a penetrar o espaço universitário como atividade de pós-graduação, ao menos no sentido de que se trataria de atividade a ser desenvolvida pelo pesquisador após sua formação universitária, em área, de algum modo, ligada à Arqueologia. Nesse primeiro momento, com a chegada dos franceses, com Madame Emperaire à frente, enfatizavam-se as técnicas de campo e laboratório, como se a Arqueologia fosse pouco mais do que uma tekhné, à maneira francesa, muito distante, pois, das Wissenschaften que compunham o saber (Wissen) acadêmico. Um primeira consequência dessa formação inicial foi a dissociação entre pesquisa empírica e interpretação. Assim, ainda que bem intencionada, a Arqueologia humanista ressentia-se da falta de ambições epistemológicas que lhe dessem espessura acadêmica no interior tanto da universidade brasileira como, principalmente, internacional.

Estes primeiros arqueólogos acadêmicos formados no Brasil foram logo acompanhados por uma nova leva, resultado da incursão, pós-golpe militar de 1964, de Betty Meggers e Clifford Evans e a constituição de um programa nacional de pesquisas arqueológicas (PRONAPA). Não seria o caso, nesta ocasião, de retomar as discussões sobre o imbricamento do esquema pronapiano com o regime de força (cf. FUNARI, 1995; FUNARI, 1998), mas de ressaltar o tipo de formação arqueológica que estava sendo introduzido no país. (2) Os clássicos da literatura arqueológica norte-americana não eram conhecidos, assim como os desenvolvimentos mais recentes. Walter W. Taylor (1948, p.44) e sua busca da autonomia da Arqueologia havia sido ignorado, como tinha sido o apelo, então recente, de Binford (1962), em direção a uma Arqueologia processual. Prevalcia, na formação desses arqueólogos, a constatação devastadora de Binford (1984, p.15) de que o “arqueólogo de campo escavador fica a discutir o teor alcoólico da pinga nos bares das redondezas” (cf. FUNARI, 1987), o que foi interpretado pelos seus epígonos como treinamento orgânico, fomentador de centros de pesquisa, um período de ouro da Arqueologia nacional (e.g. DIAS, 1995, p.35; LIMA, 1998, p.25; SCHMITZ, 1989, p.47). (3) A formação intelectual propugnada pela equipe de Meggers não bebia do imenso manancial americano, (4) que poderia ter aberto os horizontes daqueles que seriam considerados, às expensas dos arqueólogos formados pelos franceses, os fundadores da Arqueologia universitária nacional. Os resultados dessa formação foram muitos, da falta de autocritica (PROUS, 1994, p.11) à despreocupação com publicações (NEVES, 1998, p.628), (5) da ausência de corpora (cf. WHEELER, 1956, p.211) (6) à execução de levantamentos oportunisticos e escavações injustificadas, sem planejamento (NEVES, 1988, p.204).

Uma terceira vertente arqueológica surgia, àquela época. A Arqueologia clássica, surgida por iniciativa do professor Eurípides Simões de Paula (DUARTE, 1994, p.163-164), diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, no quadro de um plano mais amplo de expansão da Faculdade, em geral, e das línguas clássicas em particular. De início encarada como mera “ciência auxiliar da História, longe, bem longe de ser um fim em si mesmo”, parte da História da Arte (MENESES, 1965, p.22), a Arqueologia Clássica assumiu uma importância insuspeitada de início. A inserção da Arqueologia Clássica brasileira na ciência universal significou uma formação intelectual abrangente. A formação de quadros nesse campo da Arqueologia permitiu que, pela primeira vez, arqueólogos brasileiros dirigissem projetos de pesquisa internacionais, publicassem livros e artigos no exterior, dando uma visibilidade internacional à Arqueologia brasileira (cf. FUNARI, 1997). A formação menos restrita desses arqueólogos acabou por resultar em que a própria Arqueologia de temas americanos fosse desenvolvida por arqueólogos de formação clássica, cujo melhor exemplo, ao menos em termos de divulgação científica da Arqueologia, talvez seja o volume de Norberto Luiz Guarinello (1994), o livro mais vendido sobre Arqueologia Pré-Histórica, em toda a História (cf. FUNARI, 1996; FAVERSANI, 1997).

Notas

(2) Recentemente, Cristiana Barreto (1999) considerou “falsa qualquer tentativa de caracterizar uma politização da disciplina para este período como o faz Funari (1992b)”. A cassação de Paulo Duarte e seu afastamento da direção do Instituto de Pré-História, em 1969, as sucessivas reuniões de Betty Meggers e Clifford Evans e as autoridades políticas, não só acadêmicas, impostos pela ditadura, o apoio oficial de órgãos do Estado, como o CNPq, a ascensão acadêmica, com destaque na Arqueologia, de personagens cuja vinculação com altos hierarcas do regime militar era explícita, até mesmo por laços matrimoniais, mostram que não houve politização da disciplina, mas uma explícita relação, em nada científica, entre arqueólogos e o poder político discricionário. Neste sentido, não se pode entender o uso de um adjetivo como “falsa” senão como uma tentativa de impor, apenas com recursos discursivos apodíticos, um ponto de vista que serve para “livrar a cara” daqueles que estiveram profundamente envolvidos com o arbítrio. Sobre o poder do esprit de corps de intelectuais que participaram de regimes de força, veja-se o caso de Vichy, estudado por Sonia Combe (1996), em diversos aspectos similar à situação brasileira. Suas palavras conclusivas merecem ser citadas, referindo-se aos intelectuais: unless they are careful, run the risk of letting themselves be guided by ‘functional imperatives serving both the production of consensus and social integration’. This was Jürgen Habermas’ warning warning to German historians. He was a non-historian, as his opponents never stopped emphasizing, whose vigilance had launched the Historikerstreit and who, on that occasion, was surprised to discover among scientists the attitudes of ‘political men engaged in conflict’ (HABERMAS, 1988, p.57).

(3) Cf. Schmitz (1989, p.47): “Faz pouco mais de vinte anos que a Arqueologia brasileira começou a receber verbas públicas e a desenvolver ambiciosos programas exploratórios, acompanhados de um treinamento mais orgânico do pessoal”; Dias (1995, p.35): “A implantação do Programa representou um salto quantitativo e qualitativo para a Arqueologia Brasileira. Sua implementação possibilitou que, em apenas cinco anos, fossem levantados mais de 1500 novos sítios arqueológicos, enquadrados em um modelo cronológico e espacial de que carecia a Pré-História brasileira... O Pronapa também foi responsável por fomentar a multiplicação de centros de pesquisa arqueológica no país, que passaram a formar um número cada vez maior de pesquisadores qualificados”; compare-se com Lewgoy (1997, p.248), Noelli (1999), neste artigo. Diversos arqueólogos engajaram-se no discurso do poder, saudando o regime militar e seu desenvolvimentismo; cf. (MENESES, 1968, p.43) “a importância que se vem atribuindo (sc. nos anos imediatamente anteriores a 1968) à Universidade como fator de desenvolvimento”.

(4) Cf. Lewgoy (1997: 248): “Pelos depoimentos de nossos informantes, percebemos que os ensinamentos passados pelos representantes do Smithsonian resumiram-se a técnicas de coleta e interpretação de dados, tendo sido desprezados deste intercâmbio a oferta global de orientações teórico-metodológicas, bem como o espectro de problemáticas de pesquisa disponíveis nos Estados Unidos à época”.

(5) Neves (1998: 628): no excavation profiles, or the actual artefact composition of each leve are presented. One has to wait the full publication of the Pronapaba reports”. Note-se que as pesquisas na Amazônia, referidas por Neves, estão completando trinta anos!

(6) A importância da compilação de corpora era já bastante conhecida na Arqueologia européia, como ressalta Wheeler (1956, p.211): The advantages of a scholarly corpus or yardstick need no further emphasis and the extension of the corpus-system is certainly no less urgent now than it was in Petrie’s day. Haganuch Sarian, há anos, tem propugnado a necessidade de se publicarem corpora também para o material arqueológico pré-histórico brasileiro (sobre o papel de Sarian na formação de arqueólogos brasileiros, cf. FUNARI, 1997b).



Como se tornar arqueólogo no Brasil

[Pedro Paulo A. Funari](#)

3. A Arqueologia no quadro da academia brasileira (Continuação)

Após essa fase inicial, que abrange o período dos anos 1950 e 1960, a Arqueologia brasileira insere-se na reforma universitária implantada pelos militares. A pós-graduação brasileira passou a seguir o sistema americano, com mestrados e doutorados e a formação em Arqueologia continuou a ser uma especialização posterior à graduação, com a exceção do curso, nunca reconhecido pelo MEC, na Estácio de Sá, no Rio de Janeiro. Os arqueólogos que surgiram nas três vertentes apontadas, acrescidos de alguns estudiosos estrangeiros, como André Prous e Gabriela Martín, constituíram os quadros que estabeleceriam a formação em Arqueologia nas décadas de 1970 e 1980. Enquanto nas Ciências Humanas, em geral, buscava-se uma formação intelectual menos descritiva e mais crítico-analítica (JANOTTI; MESGRAVIS, 1980, p.9), a Arqueologia empirista, único discurso associado ao poder, impunha, por mecanismos hierárquicos comuns às sociedades patriarcais (cf. COLLIS, 1997, p.11), mas aqui levados ao paroxismo pelo regime de arbítrio, uma formação infensa a leituras interpretativas. Sempre houve quem lesse, quem buscasse sair desse marasmo, mas só podia fazê-lo por sua conta e risco (NOELLI, 1999). Não se pode subestimar o sufocamento das vocações, pois as hierarquias permitiam que se expulsassem da universidade aqueles que não se conformassem, como ocorreu com o notável caso de Walter Neves e Solange Caldarelli (reportado em PROUS, 1994, p.12; FUNARI, 1999), nem a institucionalização de uma hierarquia infensa ao mérito facilitou a formação de novos arqueólogos. (7) Na maioria dos casos, bastava algo muito mais insidioso, a internalização da submissão, pois se sabia que “à volta de um grande e frondoso carvalho, nada cresce”, nas palavras de Norberto Luiz Guarinello (1999), a respeito de um dos mandarins da Arqueologia. Não se buscou criar massa crítica, formando novos estudiosos, o que explica, em parte, que muitos dos pais fundadores pronapianos tenham tido tão poucos alunos, sendo que, ainda hoje, “na maioria das instituições brasileiras há um processo de sufocamento de novas vocações”, nas palavras de Francisco Noelli (1999). (8)

As duas últimas décadas testemunharam transformações radicais em um quadro que parecia pouco promissor para a Arqueologia brasileira. Warwick Bray (1994, p.6), quando discursou ao assumir a cátedra de Arqueologia Americana no Instituto de Arqueologia de Londres, ressaltou que os melhores resultados acadêmicos derivam do incentivo à variedade de linhas de pesquisa e à não aceitação do discurso da autoridade do intelectual sem obra e, no caso brasileiro, a multiplicidade resultante da democracia só teve resultados positivos (LAFER, 1996, p.9). (9) Os centros de formação de arqueólogos multiplicaram-se pelo país, entendendo-se formação em seu sentido pleno, como Bildung. De fato, o empirismo que esteve subjacente à primeira leva de arqueólogos acadêmicos fez com que se igualasse Arqueologia e escavação. Entenda-se escavação no sentido de trabalho de campo, não todo o processo que começa com um problema, que se desenvolve em um projeto de intervenção no campo, que gera artefatos a serem estudados, que implica em publicações, que, enfim, produz conhecimento. Este sentido de escavação, como parte de um processo de conhecimento (Welterkenntnis), não pode prescindir de aspirações interpretativas. Por outro lado, como ressaltaram, recentemente, dois grandes arqueólogos da atualidade, Michael Shanks e Randal McGuire (1996, p.79), Gordon Willey e V. Gordon Childe, dois dos mais influentes arqueólogos de todos os tempos, raramente escavaram, o que está a demonstrar que a formação do arqueólogo não pode descuidar da reflexão.

Versão para impressão

Enviar por e-mail

Avaliar o texto

Ver o ranking

— Já se disse que os arqueólogos são pouco numerosos no Brasil, talvez trezentos, para uma país de dimensões continentais, de população elevada, com centenas de milhares de estudantes universitários. Isto se explica, em parte, pelo fato de a Arqueologia não ser um curso oferecido na graduação, com uma única exceção. O graduação em Arqueologia oferece as vantagens de uma especialização precoce mas pode ser uma armadilha, caso o curso não esteja bem articulado a áreas de conhecimento afins, em particular a História, a Antropologia, mas também a Geografia, a Biologia ou, até mesmo, a Literatura, a Fotografia (e.g. OLIVIER, 1999a), o Jornalismo (e.g. COTTER, 1999, p.8), para mencionar apenas algumas. Os bons cursos de graduação em Arqueologia no exterior não deixam de inserir-se nas ciências afins e o mesmo princípio é válido para o Brasil. Em geral, no entanto, a formação do arqueólogo dá-se na pós-graduação. Neste caso, há duas grandes vertentes, a majoritária inclui a Arqueologia em um curso de História, de Antropologia ou de outra ciência. Na tradição européia, predomina a ligação com a História, em direta ligação com a herança de Childe (cf. TRIGGER, 1984, p.295; FUNARI, 1997c). (10) Desta forma, o arqueólogo, seguindo a tradição dominante, tanto na Europa como nos Estados Unidos, toma contato com uma pletera de áreas, já que a própria Arqueologia é multidisciplinar (UCKO 1994, p. xiv). A outra vertente, minoritária, forma arqueólogos em programa de pós-graduação próprio.

— Os programas de pós-graduação majoritários, que acolhem a formação em Arqueologia, permitem que os arqueólogos tomem contato direto com a epistemologia de uma outra ciência, o que pode revelar-se muito produtivo. Há, naturalmente, duas deficiências estruturais: uma tendência a incorporar a Arqueologia como ciência auxiliar de outra, o que lhe tira a especificidade, e a falta de um estudo mais direcionado para a variedade de áreas com as quais a Arqueologia se relaciona (FUNARI, 1998). Assim, corre-se o risco de termos arqueólogos que nunca deixaram de serem geólogos ou historiadores, risco tanto maior quanto, às vezes, as únicas leituras e práticas do educando se restringiram, desde a graduação, àquela área de estudo. Perde-se, assim, a necessária consciência de que a Arqueologia é, em sua essência, multidisciplinar (SILVA; NOELLI, 1996). A pós-graduação em Arqueologia, por sua parte, possui a virtude de apresentar um programa coerente de disciplinas voltadas para essa área. No entanto, uma deficiência estrutural consiste na falta de ênfase no caráter multidisciplinar da Arqueologia, pois esse seu aspecto deveria implicar em um currículo que enfatizasse o conhecimento, em primeira mão, das grandes teorias sobre o funcionamento e a transformação das sociedades, das formas de expressão, mas também do mundo físico e biológico. Na verdade, a própria compartimentação do conhecimento divide, de forma burocrática, unidades de conhecimento (McGUIRE, 1992, p.4) e poder-se-ia propugnar, como se tem feito, que o estudo da cultura material – outro nome para a Arqueologia - seja, eo ipso, multidisciplinar (MILLER; TILLEY, 1996; e.g. NOELLI, 1996a, 1996b).

— Os educandos não são vasos vazios a serem preenchidos com dados, mas como pensadores e agentes sociais (SHOR, 1986, p.422) devem ser capazes de decifrar o mundo à sua volta (TRAGTEMBERG, 1985, p.43) e, a fortiori, na Universidade deve-se, mais do estudar, estudar para aprender a estudar, nas palavras de Antonio Gramsci (1979, p.154). Como disse, recentemente, o veterano arqueólogo norte-americano, John L Cotter (1999, p.39), “os fatos qualquer um pode adquirir e aprendi que as pessoas podem ter acesso aos fatos elas mesmas, caso se interessarem o suficiente. O que se deveria fazer é tentar ajudá-las a organizar sua própria conceituação dos dados e o que farão com suas próprias vidas e carreiras, bem como abrir novas vias de pensamento”. Há pouco, Michael Shanks propunha sete objetivos para a formação dos estudiosos da Arqueologia e vale a pena transcrevê-los na íntegra: “a) enfatizar a importância das ligações interdisciplinares; b) construção e debate teóricos, acompanhados de um compromisso com a prática arqueológica; c) um interesse no caráter peculiar das fontes arqueológicas; d) um interesse em algumas questões mais amplas da teoria social; e) pragmatismo e ecletismo mais valorizado do que uma suposta pureza teórica e ideológica; f) um aceitação do pluralismo; g) um forte senso de criatividade da atividade arqueológica” (1997, p.395).

— As implicações de cada um desses itens para os nossos cursos de pós-graduação são claras e diretas. Os cursos devem incentivar a interdisciplinaridade, oferecendo um currículo que abranja disciplinas ligadas às diversas disciplinas formais. Os créditos obtidos no interior do curso devem ser complementados com boa porcentagem de créditos externos. Não se pode dissociar a prática arqueológica da formação teórica, pelo que a prática de campo ou de laboratório nunca deveria preceder a formação mais abrangente. Os debates teóricos abrangem tanto as correntes da Arqueologia, do antiquarianismo ao pós-processualismo, passando pelos modelos histórico-culturais e processual, esquemas de interpretação sempre ligados a momentos históricos específicos. (11) No que se refere à Arqueologia, a História da disciplina (FUNARI; PODGORNÝ, 1998, p.420), no mundo e no Brasil, assim como das correntes interpretativas, deve estar no centro da preocupação (cf. TRIGGER, 1990, p.4 et passim). A especificidade das fontes materiais está a exigir um estudo próprio que, no entanto, não pode deixar de lado as reflexões de diversas ciências sobre o mundo material, da Semiótica(12) à Física (cf. FUNARI, 1999b). A teoria social, (13) entendida como o imenso universo de reflexões da Sociologia, Antropologia, História, Filosofia e Linguística,

encontra-se no âmago mesmo da Arqueologia, ciência que estuda, afinal, a sociedade. Não se chega a compreender que estudiosos da sociedade nunca tenham lido Levi Strauss, Weber, Durkheim, Braudel, Foucault ou Saussure, para citar alguns pensadores apenas.

Pragmatismo e ecletismo, palavras tão temidas entre aqueles que encaram a ciência como profissão de fé e formação de séquitos de cartilhas, constam, com destaque, na lista de Shanks. A ciência não se confunde com a religião, nem, menos ainda, com o partido político e, por isso mesmo, os cursos e suas linhas de pesquisa mais do que homogêneos, “coerentes” e uniformes, devem abranger um grande espectro de concepções (Funari, 1999c). No caso da Arqueologia, pragmatismo e ecletismo implicam, também, adotar terminologias vigentes, já que estão em uso, sem reificá-las, como se refletissem alguma realidade inefável, reconhecendo as críticas e limites dos rótulos classificatórios. Pureza ideológica não condiz com ciência. O pluralismo parte da aceitação da diversidade de práticas e teorias (cf. NEVES, 1991; FUNARI, 1992), de campos de investigação e especialização, de vocações (FUNARI, 1996b). A criatividade do educando expressa-se, assim, em sua capacidade de criar sua própria trajetória intelectual, pelo que a formação não é um aprendizado ou adestramento (Unterrichtung), mas uma verdadeira educação (Erziehung), desenvolvimento de uma capacidade interior de reflexão e ação críticas (cf. FUNARI, 1996). Esse abrangente programa, proposto por Shanks, insere-se na sua constatação anterior de que a Arqueologia, além do estudo do antigo (este o sentido primevo da palavra), deve ser, também, o estudo do poder, recuperando o sentido original da palavra arkhé, em grego (Shanks; Tilley 1987; cf. Funari 1990).

Notas

(7) Prous (1994, p.20) descreve a Sociedade de Arqueologia Brasileira com palavras fortes: SAB, dont la structure hiérarchisée a permis de contrôler les destinées de l'archéologie du pays. Um tal domínio não se entenderei fora do contexto de uma sociedade hierarquizada, sob jugo de uma ditadura; cf. Pereira (1998, p.64).

(8) Cf. Neves (1988, p.209): “É evidente que, nesse caso, os centros de formação domésticos acabam funcionando justamente ao contrário, ou seja, acabam funcionando como um instrumento vil de perpetuação do modelo epistemológico hoje vigente na Arqueologia brasileira”; sobre os limites da liberdade acadêmica no Brasil, em geral, consulte-se Funari (1999a, 1999b); cf. Funari 1988c.

(9) Cf. Milton Santos (1999): “A institucionalização crescente da vida universitária acaba por forjar uma teia, cada dia mais sólida e visível, em que o trabalho rasteiro é deixado a alguns assessores, que recrutam subserviências no baixo e médio clero, editando medidas ditas saneadoras da administração e das finanças, cujo resultado final é a limitação à liberdade do pensar e do dizer, enquanto, espertamente, autoridades superiores, cada vez mais comprometidas com os meios e mais descompromissadas com as finalidades da educação, inundam o mercado com discursos eloqüentes, mas vazios”.

(10) Cf. Wolfram (1986, p.9): Der Begriff ‘historierende’ Archäologie zur Bezeichnung der Archäologie jener Jahrzehnte (1920 bis 1968) wurde gewählt, da V. G. Childe und seine Generation die Ansicht vertraten, die Archäologie sei Teil der Geschichtswissenschaften um Ihr Ziel die Interpretation bzw. Rekonstruktion einzelner Ereignisse in der Vergangenheit.

(11) Cf. Erich Fromm (1969, p.15): Ideas have their roots in the real life of society.

(12) Um exemplo bastará: a Arqueologia espacial, iniciada, com este nome, na década de 1960 e hoje travestida de Arqueologia da paisagem muito tem a interagir com a Semiótica do espaço (cf. LAGOPOULOS, 1998).

(13) Entenda-se teoria, à maneira dos gregos, em seu sentido amplo, englobando tanto grandes quadros interpretativos, como mais prosaicas explicações, como as middle range theories; cf. crítica a estas últimas, em Wehler (1979a, p.17): Jedermann wird vermutlich der Meinung beipflichten können, dass das Wort ‘Theorie’ in den letzten Jahren eine inflationäre Aufblähung erlebt hat. Nicht selten ist es an die Stelle von ‘plausibler Interpretation’ getreten, hat manchmal sogar nur ‘These’ gemeint oder genau das bezeichnet, was bei Droysen eine mehr oder minder gute ‘Fragestellung’ geheißen hätte.



Como se tornar arqueólogo no Brasil

[Pedro Paulo A. Funari](#)

4. A Arqueologia no quadro da academia brasileira (Continuação)

Tornar-se arqueólogo no Brasil possui, no entanto, particularidades que não foram mencionadas nos sete pontos tratados por Shanks. As especificidades da vida universitária em nosso meio, já acenadas, bem como a conturbada História recente do país e da Arqueologia, em especial, fazem com que haja aspectos ainda a serem discutidos. Talvez tudo se possa resumir à constatação de Ovídio (Heroid. 2, 85), que *exitus acta probat*, transformado na quintessência do mundo anglo-saxão: *the proof of the pudding is in the eating*. (14) Aqui, cabe uma digressão. Em um mundo social e acadêmico tão caracterizado pelas relações hierárquicas e tão infenso ao mérito, como é o nosso, todo tipo de distorção é possível. Já se mencionou, alhures, que o poder burocrático se concentra nas mãos dos que menos publicam (cf. Santos, 1999b, em nota), que, em nossa universidade, é possível obter títulos acadêmicos “por decreto”, em triste herança dos tempos da cátedra. Neste contexto, torna-se compreensível a referência à prova dos fatos. Tornar-se arqueólogo, neste artigo, significa tornar-se arqueólogo de verdade, no sentido forte da palavra, acadêmico, não poderoso, brilhante, admirado e temido, por falar (e pouco publicar) *ex auctoritate*. Em outras palavras, tornar-se um acadêmico requer desligar-se do poder paroquial e inserir-se na ciência universal. Para tanto, o primeiro requisito é instrumentalizar-se lingüisticamente, em particular dominando a língua franca hodierna, o inglês. (15) Alguns propugnavam que, devido aos vícios, ao compadrio e ao paroquialismo local, melhor seria enviar os interessados a estudar no exterior e apresentam como argumento exemplos de jovens PhDs cuja obra científica notabilizou-se desde cedo. De fato, não faltam exemplos de arqueólogos nesta situação, mas há que se considerar, em primeiro lugar, que nem todos aqueles que obtiveram título no exterior se notabilizaram por publicarem e formarem pesquisadores, quando voltaram ao Brasil, quando mais não fosse porque o sistema burocrático não incentivava que o fizessem (cf. exemplos em Funari, 1997b). Não se trata, pois, de obter um título no exterior, algo não tão difícil, mas ser capaz de produzir e interagir com a ciência universal e isto poucos que foram ao exterior o fizeram.

Em segundo lugar, titular-se no Brasil não exclui a preocupação em atuar na ciência internacional, como diversos exemplos em nosso meio arqueológico estão a demonstrar. Ademais, a solução dos títulos obtidos no exterior, estratégia ainda adotada em diversos países, que mandam seus melhores arqueólogos para cursarem a pós fora do país, não pode abranger um grande número de estudiosos, o que dificulta a formação de massa crítica, indispensável para que a ciência, de nível internacional, possa ser produzida em nosso próprio meio. Como quer que seja, objetivo primeiro dos cursos de pós-graduação que formarão arqueólogos só pode ser inserir seus quadros profissionais e seus alunos na ciência universal, utilizando-se, entre outros recursos, das chamadas bolsas sanduíche (estágios de alguns meses no exterior), dos convênios de cooperação internacional, do patrocínio da vinda de professores estrangeiros. Neste sentido, a Arqueologia nacional avançou de forma significativa, pois não poucos arqueólogos estrangeiros têm estado em nosso país, ensinando graças ao apoio de órgãos brasileiros, como o CNPq e a FAPESP (16) e órgãos internacionais. Muitos jovens arqueólogos têm tido a oportunidade de estagiar no exterior e a inserção da Arqueologia brasileira no contexto internacional, em poucos anos, aumentou significativamente. (17)

Versão para impressão

Enviar por e-mail

Avaliar o texto

Ver o ranking

Após esta longa digressão, pode voltar-se à quintessência anglo-saxônica: *the proof of the pudding is in the eating*. Tornar-se arqueólogo, como, de resto, tornar-se um verdadeiro intelectual, em geral, depende da consciência de que nada substitui o conhecimento e que este não se confunde com poder burocrático. Os cursos de formação de arqueólogos, cada vez mais, têm tido que se adequar aos critérios de mérito, universais, como é o caso da publicação das pesquisas, seu debate nas revistas arbitradas estrangeiras. Exemplos na Arqueologia brasileira não faltam. Tornar-se arqueólogo também implica em reconhecer que esta ciência tem sido reacionária, cultuando explicitamente as elites, explorando, muitas vezes, as maiorias e minorias oprimidas em benefício nada científico e puramente monetário, como é o caso, em muitas ocasiões, de bem pagas atividades de campo financiadas por grandes empresas. (18) Contudo, não há pesquisa, nem mesmo pré-histórica, que esteja fora dos interesses da sociedade (VEIT, 1989, p.50) e a Arqueologia pode ser profundamente humanista (HECKENBERGER; NEVES; PETERSON, 1998, p.83), particularmente relevante para uma sociedade multicultural (GIULIANI, 1995, p.91), sempre que atue com o povo (McGUIRE, 1994, p.830). O engajamento do intelectual não lhe subtrai qualquer conhecimento, como alerta Pierre Bourdieu (1989, p.59; cf. MEYER, 1990, p.135-136), ao contrário, pois “conhecer” é “saber com” os outros. (19) Tornar-se arqueólogo inclui, assim, saber que não há trabalho arqueológico que não implique em patrimônio e em socialização do patrimônio e do conhecimento (TAMANINI, 1998). Tornar-se arqueólogo consiste em saber que qualquer escavação deve tornar-se uma publicação, acessível à comunidade científica. Significa saber que os artefatos não podem ficar abarrotando os depósitos, inéditos. Para tanto, em diversos países, há regulamentos públicos que apenas permitem que os arqueólogos desenvolvam novos projetos se publicarem, tanto o relato da escavação, quanto o material arqueológico recolhido. Tornar-se arqueólogo implica em considerar que a patrimonialização dos objetos faz parte integrante do ofício arqueológico. (20) Neste sentido, a formação do arqueólogo, em nosso meio, ainda é muito deficitária, pois pouca atenção se tem dado, em termos estruturais, a esses aspectos, considerados, às vezes, estranhos à própria disciplina, enquanto, mundo afora, a Arqueologia pública se encontra em expansão e a Arqueologia e a Educação não são mais dissociáveis (cf. FUNARI, 1994; FUNARI, 1996, ambos com extensa literatura).

Notas

(14) Cf. Wehler (1979b, p.60): *Das in der historischen Erzählung wenigstens zum Teil miteingebaute Erklärungsangebot finde ich im Vergleich mit expliziter, diskussionsfähiger historischer Theoriebildung wit unterlegen. In der Tat: the proof of the pie is in the eating.*

(15) Cf. Olivier (1999a): *En ce qui me concerne, j'utilize l'Anglais comme 'lingua franca' qu'elle est désormais;* o jornal da ADUSP, em seu número de julho de 1998, p. 56, reproduziu uma sintomática notícia da Nature (9/4/98), que seria bastante pertinente ao caso brasileiro e que, por isso, merece ser transcrita: “Novo sistema de avaliação reduz o poder dos ‘barões da ciência’ na Itália. O novo sistema instituído na Itália tem privilegiado a qualidade dos projetos e reduziu bastante a pulverização de recursos que gerava uma distribuição ampla e, conseqüentemente, escassa de recursos por grupo de pesquisa. Alguns nomes bem conhecidos não conseguiram, pela primeira vez, renovar seus auxílios por falta de mérito científico. Os pedidos de auxílio devem ser apresentados tanto em inglês como em italiano, de maneira a permitir a participação de consultores externos” (grifo acrescentado).

(16) Um bom exemplo, recente e entre outros, refere-se à vinda de Siân Jones, com apoio da FAPESP e da British Academy, tendo ensinado na pós-graduação da UNICAMP, cujos alunos puderam tomar contato com obras suas inéditas, como seu livro, publicado em 1997, ano em que esteve aqui. Desta forma, pôde discutir-se uma obra cujas qualidades fariam com que fosse, em menos de dois anos, resenhada nas principais revistas internacionais e brasileiras.

(17) Em 1991, terminava artigo constatando que três passos se faziam necessários: 1. To know, debate, exchange ideas and integrate archaeology with other social sciences; 2. To integrate Brazilian archaeology with archaeology as practised everywhere else in the world; 3. To adopt a Code of Ethics...to prevent archaeology being used against indigenous minorities and other oppressed people, and to prevent the return of political persecution within or outside academic life (FUNARI, 1991, p.128; cf. em castelhano, FUNARI 1992, p.64-65).

(18) Trata-se de algo universal, como assinalaram McGuire e Walker (1999), mas cujos contornos, em uma sociedade tão desigual como a brasileira, tornam-se dramáticos. Recentemente, Noelli (e.g. 1994, 1995, 1996c) tem produzido diversos estudos contundentes a respeito. Em um artigo sobre a formação do arqueólogo no Brasil, não caberia desenvolver este tema, que merece uma reflexão específica. Registre-se, no entanto, que o único critério universalmente aceito para a chamada Arqueologia de Contrato consiste na produção científica que deve resultar de qualquer atividade contratada por uma empresa, o que nem sempre ocorre no Brasil. A formação de iniciantes na Arqueologia nesse ambiente pode ser, portanto, bastante inadequada, pois o que se tem que aprender é a produzir ciência, o que nem sempre é o caso na Arqueologia de Contrato.

(19) Conscientia, “saber com”, implica na interação social.

(20) Um dos motivos de se desconsiderar o aspecto patrimonial da Arqueologia advém da noção estreita, defendida por alguns, de que “a Arqueologia não é o estudo de objetos, de coisas” (MENESES, 1980, p.6), o que descaracteriza a inevitável ligação entre a Arqueologia e a apropriação dos artefatos pela sociedade.





Como se tornar arqueólogo no Brasil

[Pedro Paulo A. Funari](#)

5. A Arqueologia no quadro da academia brasileira (Continuação)

Tornar-se arqueólogo no Brasil hoje, portanto, apresenta diversos caminhos possíveis (abaixo). Para o jovem iniciante, as perspectivas são muito variadas, de acordo com as escolhas que venha a efetuar. Tornar-se arqueólogo acadêmico, objeto primeiro deste artigo, não promete uma remuneração fabulosa, mas oferece oportunidades excepcionais para refletir sobre a sociedade, para agir com a comunidade em prol tanto da preservação do passado como para a transformação do presente (e.g. TOMAZELA, 1999). Permite que se intervenha na Educação, fazendo com que milhões de brasileiros tenham um contato mais profundo e menos parcial com sua própria História. Incentiva os futuros arqueólogos a integrarem-se à ciência mundial, tornando seus contatos com o exterior uma experiência dinâmica. Assim, apesar dos percalços e das dificuldades, pode concluir-se que, em aceitando os seus desafios, tornar-se arqueólogo acadêmico, no Brasil, abre horizontes e oferece oportunidades únicas.

Como tornar-se arqueólogo profissional no Brasil em 1999

I. PRÉ-UNIVERSITÁRIO:

1. Voluntariado em projetos de pesquisa
 2. Voluntariado em museus e outras instituições
- Vantagens e desvantagens: despertar o gosto pelo estudo da cultura material, mas possibilidade de se decepcionar por deficiência na formação acadêmica.

II. UNIVERSITÁRIO:

1. Graduação
 - a. Em arqueologia (curso não reconhecido pelo MEC)

- Vantagens e desvantagens: especialização precoce, pouco contato com áreas afins.
 - b. Em disciplina universitária relacionada (História, Antropologia, Biologia, Sociologia, Geografia, Letras, entre outras)

- Vantagens e desvantagens: contato com áreas relevantes da ciência, especialização mais tardia.
2. Pós-graduação
 - a. Em Arqueologia

- Vantagens e desvantagens: especialização, menor ênfase nas ciências afins.
 - b. Em programa de área relacionada

- Vantagens e desvantagens: contato com áreas relevantes da ciência, especialização mais tardia

Versão para impressão

Enviar por e-mail

Avaliar o texto

Ver o ranking

III. PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

_____1. Na academia

_____ - Vantagens e desvantagens: produção de conhecimento, possibilidade de desenvolvimento de projetos de âmbito internacional, mas os salários não são elevados.

_____2. Em museus, instituições patrimônio e outras


_____ - Vantagens e desvantagens: importância social da atividade do arqueólogo, mas pouco incentivo à produção de conhecimento e baixos salários.

_____3. Na consultoria (Arqueologia de contrato)

_____ - Vantagens e desvantagens: renda elevada, mas pouco incentivo à produção de conhecimento e restrições à crítica social.



 Versão para impressão

 Enviar por e-mail

 Avaliar o texto

 Ver o ranking



Ensaio

Como se tornar arqueólogo no Brasil

[Pedro Paulo A. Funari](#)

6. Bibliografia

BARRETO, C. Arqueologia Brasileira: uma perspectiva histórica e comparada. In: FUNARI P.P.A.; Neves E.G.; PODGORNÝ, I. (Org.). Teoria Arqueológica na América do Sul. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo/Fapesp, 1999. No prelo.

BARROS e SILVA, F. Jô vira a “vaca sagrada” das elites. Folha de São Paulo, 9 mar. 1997. Folha TV, p.2.

BATISTA, P.N. Um cidadão anacrônico. Folha de São Paulo, 16 jan. 1997, 2, p.2.

BINFORD, L.R. In pursuit of the past. Nova Iorque: Academic Press, 1984.

BOURDIEU, P. Vive la crise! For heterodoxy in social sciences. Theory and Society 17, p. 773-787, 1988.

- _____. The corporativism of the universal: the role of intellectuals in the modern world. *Telos* 81, p.99-110, 1989.
- BRAY, W. Why study ancient America. *Bulletin of the Institute of Archaeology* 31, p.5-24, 1994.
- COLLIS, J. Ravenna was all very nice, but... *The European Archaeologist* 8, p.2-4, 1997.
- COMBE, S. Reason and Unreason in today's French Historical Research. *Telos* 108, p.149-164, 1996.
- COMPARATO, F.K. As nulidades triunfantes. *Folha de São Paulo*, 19 set. 1993, 1, p.3.
- COTTER, J.L. A conversation with John L. Cotter (interview to Daniel G. Roberts). *Historical Archaeology* 33, 2: p.6-50, 1999.
- DIAS, A.S. Um projeto para a Arqueologia Brasileira: breve histórico da implantação do PRONAPA. *Revista do CEPA* 22, p. 25-39, 1995.
- DUARTE, P. Pela Dignidade Universitária. *Idéias* 1, p.159-179, 1994.
- FAVERSANI, F. Resenha de Guarinello. *Idéias* 4, p.305-308, 1997.
- FERNANDES, F. Entrevista. *Trans/form/ação* 2, p.5-86, 1975.
- FOLHA DE SÃO PAULO. USP, teses e compadrio. *Folha de São Paulo*, 13 out. 1997, 1, p.2, 1997a.
- FOLHA DE SÃO PAULO. O pacote na universidade. *Folha de São Paulo*, 17 nov. 97, 1, p.2, 1997b.
- FROMM, E. *You shall be as gods. A radical interpretation of the Old Testament and its tradition.* Nova Iorque: Fawcett, 1969.
- FUNARI, P.P.A. *Arqueologia.* São Paulo: Ática, 1987.
- _____. Poder, posição e imposição no ensino de História antiga: da passividade forçada à produção de conhecimento. *Revista Brasileira de História* 15, p.257-264, 1988c.
- _____. Reflexões sobre a mais recente teoria arqueológica, *Revista de Pré-História* 7, p.203-209, 1990.
- _____. Archaeology in Brazil: politics and scholarship at a crossroads. *World Archaeological Bulletin* 5, p.122-132, 1991.
- _____. Resenha de W. A. Neves (org.), *Origens, adaptações e diversidade do homem nativo da Amazônia.* *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo* 2, p.150-151, 1992a.
- _____. La Arqueología en Brasil: política y academia en una encrucijada. In: POLITIS, G (Org.). *Arqueología en América Latina Hoy.* Bogotá: Banco Popular, 1992b. p.70-87.
- _____. Rescuing ordinary people's culture: museums, material culture and education in Brazil. In: STONE, Peter G.; MOLINEAUX, Brian L. (Org.). *The Presented Past, Heritage, museums and education.* Londres: Routledge, 1994. p.120-136.
- _____. Mixed features of archaeological theory in Brazil. In: UCKO, P.J. (Ed.) *Theory in Archaeology, A world perspective.* Londres: Routledge, 1995. p.236-250.
- _____. Considerações em torno das "Teses sobre Filosofia da História", de Walter Benjamin. *Crítica Marxista* 1,3, p.45-53, 1996.
- _____. Resenha de Guarinello. *Revista da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica* 11, p.139, 1996a.
- _____. La educación vocacional y la enseñanza de la historia en Brasil. *Revista Formación Docente Continua* 2,2, p.88-96, 1996c.
- _____. Cidadania, erudição e pesquisas sobre a Antigüidade Clássica no Brasil. *Boletim do CPA* 3, p.83-97, 1997.
- _____. Pós-Graduação: encruzilhadas atuais. Campinas: IFCH-UNICAMP, 1997a.
- _____. European archaeology and two Brazilian offspring: classical archaeology and art history. *Journal of European Archaeology* 5, 2, p.137-148, 1997b.
- _____. Archaeology, History, and Historical Archaeology in South America. *International Journal of Historical Archaeology* 1, p.189-206, 1997c.
- _____. *Teoria Arqueológica na América do Sul.* Campinas: IFCH-UNICAMP, 1998a.
- _____. Arqueologia, História e Arqueologia Histórica no contexto sul-americano. In: FUNARI, P.P.A. (Org.) *Cultura Material e Arqueologia Histórica,* Campinas: IFCH-UNICAMP, 1998b. p.7-34.
- _____. Academic freedom in Brazil in a global perspective. *Academe* July, 1999a.
- _____. Academic freedom in Brazil in a global perspective. *Academe*, 1999a. No prelo.
- _____. Liberdade acadêmica no Brasil. *Jornal da Ciência Hoje*, 25 jun. 1999, p. 10, 1999b.
- _____. Linguística e Arqueologia. *DELTA, Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada* 15, p.161-176, 1999b.
- _____. Por uma graduação em História crítica e pluralista. *História e Ensino*, 1999c. No prelo.
- _____. Pluralism and divisions in European archaeology. *Journal of European Archaeology* 4, p.384-385, 1996b.
- FUNARI, P.P.A.; PODGORNÝ, I. Is archaeology only ideologically biased rhetoric? *European Journal of Archaeology* 1, 3, p.416-424, 1998.

- GIULIANI, L. Multiculturalismo e Arqueologia da cidade. *Cidade* 2, 3, p.88-91, 1995.
- GOLDEMBERG, J. As universidades federais. *O Estado de São Paulo*, 14 out. 1992, 1992.
- GRAMSCI, A. *Gli intelletuali*. Roma: Riunite, 1979.
- GUARINELLO, N.L. *Os primeiros habitantes do Brasil*. São Paulo: Atual, 1994.
- _____. *Comunicação pessoal*. São Paulo: USP, 1999.
- HABERMAS, J. *Devant l'histoire*. Paris: Éditions du Cerf, 1988.
- HECKENBERGER, M.J.; NEVES, E.G.; PETERSON, J. B. De onde surgem os modelos? As origens e expansões tupi na Amazônia central. *Revista de Antropologia* 41, 1, p.70-96, 1998.
- JANOTTI, M. L. M.; MESGRAVIS, L. Coletânea de Documentos Históricos para o Primeiro Grau. São Paulo: Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, 1980 .
- JONES, S. *The Archaeology of Ethnicity, Constructing identities in the past and present*. Londres: Routledge, 1997.
- LAFER, C. A informação e o saber. *Folha de São Paulo, Mais!*, 11 fev. 1996, p.9-10, 1996.
- LAGOPOULOS, A. Ph. Spatial discourses: origins and types. *Semiotica* 119, p.359-402, 1998.
- LEWGOY, B. Notas para a História da Antropologia no Rio Grande do Sul (1940-1969). *Horizontes Antropológicos* 3, 7, p.239-251, 1997.
- LIMA, T.A. Patrimônio arqueológico, ideologia e poder. *Revista de Arqueologia* 5, p.19-28, 1998.
- McGUIRE, R. *A Marxist Archaeology*. San Diego: Academic Press, 1992.
- _____. *Archaeology and the first Americans*. *American Anthropologist* 94, 4, p. 816-836, 1994.
- McGUIRE, R.; WALKER, M. Class confrontations in Archaeology. *Historical Archaeology* 33 1, p.159-183, 1999
- MENESES, U.T.B. Sentido e função de um Museu de Arqueologia. *Dédalo* 1, p.19-26, 1965.
- _____. *Museu e Universidade*. *Dédalo* 8, p.43-49, 1968.
- _____. O objeto material como documento. Texto datilografado, aula ministrada em curso sobre "Patrimônio Cultural: políticas e perspectivas". São Paulo: Condephaat, 1980.
- MEYER, G. Nouveaux défis pour les universités. *Ciência e Cultura* 42, 2, p.118-137, 1990.
- MICELI, S. Arte e dinheiro. *Folha de São Paulo, Jornal de Resenhas* 4 set. 1995, p.3, 1995.
- MILLER, D.; TILLEY, C. Editorial. *Journal of Material Culture* 1, p.5-14, 1996.
- NEVES, E.G. 20 years of Amazonian archaeology (1977-1997). *Antiquity* 72, p.625-632, 1998.
- NEVES, W.A. Arqueologia Brasileira, algumas considerações. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi* 4, 2, p.200-205, 1988.
- _____. *Origens, adaptações e diversidade do homem nativo da Amazônia*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1991.
- NOELLI, F. S. Indígenas e áreas de conservação: a polêmica continua. *Boletim Agir Azul* 9: 4, 1994.
- _____. Os indígenas do sul do Brasil podem contribuir para a recomposição ambiental? *Boletim Agir Azul* 10: 4, 1995.
- _____. Os Jê do Brasil meridional e a Antigüidade da agricultura: elementos da Lingüística, Arqueologia e Etnografia. *Estudos Ibero-Americanos* 22,1, p.13-25, 1996a.
- _____. A ocupação do espaço na terra indígena Apucarana-Paraná: elementos para uma reflexão interdisciplinar. *Revista do CEPA* 20, 24, p.27-36, 1996b.
- _____. Buscando alternativas aos problemas das áreas indígenas do RS: resposta a um ambientalismo anti-holístico. *Boletim Agir Azul* 12: 4, 1996c.
- _____. *Carta pessoal ao autor*. Maringá, 1999. Manuscrito inédito.
- OLIVIER, L. *Lettre personnelle*, 1999a. Inédite.
- _____. *Photographie, archéologie et mémoire*. *European Journal of Archaeology* 2, 1, p.107-115, 1999b.
- PEREIRA, A. W. "Persecution and farce": the origins and transformation of Brazil's political trials, 1964-1979. *Latin American Research Review* 33, 1, p.43-104, 1998.
- PROUS, A. L' archéologie brésilienne aujourd'hui. *Recherches Brésiliennes*, Bézanson: p. 9-43, 1994.
- SANTIAGO, T. A Faculdade de Filosofia de Assis. *Tribuna da Imprensa*, 28 set. 1990, p.35, 1990.
- SANTOS, M. Buscar o novo é perigoso. *Jornal do Brasil*, 26 dez. 1998, Idéias, p.6, 1998.
- _____. *Entrevista*. *Caros Amigos* 23, fevereiro: 22-29, 1999a.
- _____. *A vontade de abrangência*. *Folha de São Paulo, Mais!* 5, p.3, 1999b.
- SCHMITZ, P.I. Política arqueológica brasileira. *Dédalo Publicação Avulsa* I, p.47-52, 1989.
- SHANKS, M. *Archaeological theory: what's on the agenda?* *American Journal of Archaeology* 101, p.395-399, 1997.
- SHANKS, M.; TYLLEY, M. *Tilley Re-constructing archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

- SHANKS, M.; McGUIRE, R. The craft of archaeology. *American Antiquity* 61, 1, p.75-88, 1996.
- SHOR, I. Equality is excellence: transforming teacher education and the learning process. *Harvard Educational Review* 56, p.406-426, 1986.
- SILVA, F.A.; NOELLI, F.S. Para uma síntese dos Jê do sul: igualdades, diferenças e dúvidas para a Etnografia, Etno-História e Arqueologia. *Estudos Ibero-Americanos* 22, 1, p.5-12, 1996.
- TAMANINI, E. Museu, Arqueologia e poder público: um olhar necessário. In: FUNARI, P.P.A. (Org.). *Cultura Material e Arqueologia Histórica*, Campinas: IFCH-UNICAMP, 1998. p.179-220.
- TAYLOR, W. W. *A Study of Archaeology*. Pennsylvania: American Anthropological Association, 1948.
- TOMAZELA, J.M. Menores carentes restauram Santana do Parnaíba. *O Estado de São Paulo* 27 jun. 1999, C, p. 8, 1999.
- TRAGTEMBERG, M. Relações de poder na Escola. *Educação e Sociedade* 20, p.40-45, 1985.
- TRIGGER, B.G. Archaeology at the crossroads: what's new? *Annual Review of Anthropology* 13, p.275-300, 1984.
- _____. *A history of archaeological thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- UCKO, P. Foreword. In: BOND, G.C.; GILLIAM, A. (Ed.). *Social Construction of the Past, Representation as power*, Londres: Routledge, 1994. p.xiii-xv.
- VEIT, U. Ethnic concepts in German prehistory: a case study on the relationship between cultural identity and archaeological objectivity. In: SHENNAN, S. (Ed.). *Archaeological approaches to cultural identity*. Londres: Unwin Hyman, 1989. p.35-56.
- WEHLER, H. -U. Anwendung von Theorien in der Geschichtswissenschaft. In: KOCKA, Herausgegeben von J.; NIPPERDEY, T. *Theorie und Erzählung in der Geschichte*. Munique: DTV, 1979a. p.17-39.
- _____. Fragen and Fragwürdiges. In: KOCKA, Herausgegeben von J.; NIPPERDEY, T. *Theorie und Erzählung in der Geschichte*. Munique: DTV, 1979b. p.57-60.
- WHEELER, M. *Archaeology from the earth*. Harmondsworth: Penguin, 1956.

Agradecimentos:

_____Agradeço aos seguintes colegas: Warwick Bray, Adriana Schimdt Dias, Fábio Faversoni, Norberto Luiz Guarinello, Siân Jones, Alexandros-Phaidon Lagopoulos, Randall McGuire, Daniel Miller, Walter Alves Neves, Francisco Noelli, Nanci Vieira Oliveira, Laurent Olivier, André Prous, Michael Shanks, Elizabete Tamanini, Cristopher Tilley, Bruce G. Trigger. A responsabilidade pelas idéias, naturalmente, restringe-se ao autor.

